

O misterioso Chá das Nuvens



Mal Peet e Elspeth Graham

Tradução Luciano Vieira Machado

Ilustrações Juan Wijngaard

Temas abordados Cultura do Oriente • Trabalho infantil • Relação familiar

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



48 páginas

O AUTOR Mal Peet, que também é ilustrador e cartunista, publicou seu primeiro livro, *Keeper*, em 2003. Desde então escreveu outros cinco, dentre os quais este *O misterioso Chá das Nuvens*. Mal Peet diz ter encontrado sua verdadeira vocação escrevendo livros para “jovens adultos”, denominação que não lhe agrada. Se tivesse de escolher uma palavra para caracterizar o modo como escreve suas narrativas seria “lentamente”. Os livros de Mal receberam vários prêmios.

A AUTORA Elspeth Graham formou-se em Direito, mas nunca exerceu a profissão. Começou a escrever motivada pela curiosidade sobre como as crianças aprendem a ler. Mal e Elspeth são casados e coautores de vários livros para o público infantojuvenil. Juntos também escreveram *Mysterious traveller* e *Night sky dragons*. *O misterioso Chá das Nuvens* foi indicado para o prêmio Kate Greenaway Medal em 2011.

O ILUSTRADOR Juan Wijngaard nasceu na Argentina, mas passou muitos anos na Inglaterra, estudando. Recebeu sua primeira encomenda para ilustrar um livro infantil quando ainda estava na faculdade. Atualmente mora nos Estados Unidos, no Novo México. Seu ateliê fica, de maneira inusitada, em um hangar de aeroporto.

OS ANIMAIS NAS CULTURAS DO OCIDENTE E DO ORIENTE

Uma das fontes da história de *O misterioso Chá das Nuvens* é uma lenda tradicional sobre macacos coletores de chá.

Em uma versão chinesa desta história, os agricultores de um vilarejo sofrem com ataques dos macacos a suas lavouras. Até que, certa feita, um macaco adoece enquanto procura seu filhote perdido. O animal é tratado pelos agricultores, que, por terem ajudado o animal, são recompensados com a colaboração dos macacos em suas atividades. Na época da coleta das folhas e dos brotos de chá, os macacos trazem os melhores exemplares para os agricultores, colhidos das partes mais altas das plantas, tais como os macacos da história de Tashi ajudam a menina.

No século XIX, vários viajantes europeus relataram o uso de macacos na coleta de cocos em Bornéu, em Java e em Sumatra. Há até mesmo uma espécie, *Macaca nemestrina*, conhecida por ser treinada para este fim. Certamente as bases reais e práticas das lendas vêm destes hábitos cotidianos.

Todos já viram imagens mostrando como as vacas são cultuadas na Índia, país em que a religião proíbe que tais animais sejam mortos. Parte significativa da população indiana é vegetariana e, como se percebe, os animais são centrais no hinduísmo. Hanuman, por exemplo, é um deus zoomorfo, um deus-macaco com papel de destaque em um dos poemas épicos mais importantes da cultura indiana, o *Ramayana*. Não se pode esquecer de Ganesha, divindade ligada à sabedoria, que tem cabeça de elefante e corpo de homem. ▶

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA

O misterioso Chá das Nuvens conta a história de Tashi, menina cuja mãe trabalha como coletora de chá. Um dia, a mãe fica doente e Tashi toma a iniciativa de dirigir-se à plantação de chá para substituí-la. Mas a menina não é alta o suficiente para o trabalho, pois as folhas colhidas são as menos castigadas, que ficam na parte superior do arbusto. Desolada, Tashi retira-se do local e, distante da lida, é rodeada por macacos. Enquanto a menina cochila, eles colhem as folhas de chá para ela, ajudando-a. Essa participação dos animais na colheita do chá comprova **a importante presença que têm os animais nas culturas do Ocidente e do Oriente.**

Quando Tashi retorna à plantação, percebe que as coletoras e o capataz estão diante do Real Provedor de Chá, enviado da imperatriz que percorre as plantações em busca das melhores folhas e brotos para levar ao palácio. Ao provar o chá do cesto de Tashi, o Real Provedor manifesta enorme felicidade e o identifica de pronto como o “Chá das Nuvens”, porque é colhido nas regiões mais altas das montanhas, mergulhadas nas nuvens – um lugar de difícil acesso, que faz as folhas do chá serem ainda mais valiosas.

Por seu feito, Tashi é recompensada com um saco de moedas. Assim, pode providenciar um médico para a mãe, que se cura, e livrar as duas do extenuante trabalho na lavoura de chá.

A única parte do enredo que não é totalmente realista é a coleta feita pelos macacos, e esse lance fantástico nos faz reparar que a história é fortemente inspirada no repertório das fábulas, que não raro oferecem uma solução mágica para uma situação realista opressiva. Em *O misterioso Chá das Nuvens* o elemento mágico aparece justamente no momento em que os macacos auxiliam Tashi na sua impossibilidade de colher as folhas.

Olhar a história apenas como uma fábula, porém, nos faz reduzi-la somente aos seus aspectos mais gerais e estruturais. Há nessa narrativa outros elementos importantes, que devem ser trazidos à discussão. O fato de a história se passar no Himalaia, cadeia de montanhas espalhadas pela Índia, China, Butão, Nepal e Paquistão, prontamente mobiliza amplo conjunto de imagens previamente arquivado em nossa memória. Referências ligadas à noção de Oriente, desde a lenda do árabe Ali Babá voando em um tapete, passando por histórias de samurais, imperadores,



Se comparamos os mitos de deuses hindus com os gregos, é notável a ausência de animais ou de deuses com formas ou qualidades de animais no Olimpo. Há Cérbero, o cão de muitas cabeças que guarda a porta do Hades, o reino dos mortos; e, na *Odisseia*, há a famosa passagem na qual Argos, o cão de Ulisses, ao ver seu dono voltar para casa depois de vinte anos, suspira e morre. Esses são alguns dos poucos exemplos da presença de animais na mitologia grega. Quando pensamos no cristianismo, e nas histórias narradas na Bíblia, podemos mencionar duas passagens em que os animais são personagens. A primeira é a narrativa da queda do paraíso, incitada pela serpente, cujo caráter ficaria associado à dissimulação perversa. A segunda passagem é aquela em que Jesus, ao livrar um homem de uma possessão demoníaca, faz com que os demônios se transfiram para os porcos, que em seguida se lançam ao mar. Na cultura cristã, o homem foi feito à semelhança de Deus, que está mais acima na ordem de perfeição das coisas.

Para o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788 – 1860), que conhecia bem as culturas e religiões orientais, há uma radical dissociação entre o mundo dos homens e dos animais na cultura judaico-cristã, ao contrário do que ocorre em tradições religiosas do Oriente: “o bramanismo e o budismo, fiéis à verdade, decididamente reconhecem a manifesta afinidade do homem com toda a natureza em geral, mas sobretudo e principalmente com o mundo animal”. (“Sobre o cristianismo”, em *Parerga e Paralipomena*. São Paulo: Nova Cultural, 1991)

monges e palácios. Também podemos pensar no chá como bebida dotada de muitos protocolos culturais entre povos orientais e ocidentais, no trabalho difícil das coletoras e na divisão que a história mostra existir entre os mundos masculinos e feminino.

HISTÓRIAS DO ORIENTE

A Índia é um país de dimensão continental. Já era conhecido pelos gregos na Antiguidade. Em um dos distritos indianos, Darjeeling, no Estado de Bengala Ocidental, tem origem os chás mais famosos da Índia. A história contada em *O misterioso Chá das Nuvens* poderia se passar em Darjeeling.

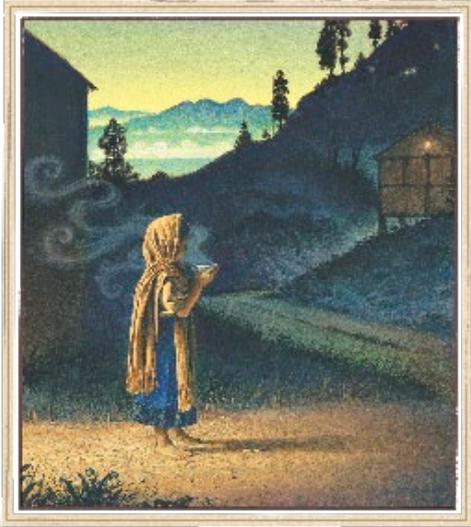
Estereótipos sobre a Índia marcam profundamente a visão ocidental: homens santos, uma sociedade de castas, imagens dos muitíssimos deuses, coloridas e variadas, os templos. Uma impressão valorizada é a de uma sociedade orientada em todos os seus aspectos pela estima da dimensão espiritual da existência.

O cultivo de chá na região indiana do Himalaia foi iniciado pelos ingleses na década de 1830, quando “uma delegação, composta pelos senhores Gordon e Gutzlaff, foi enviada à China para obter sementes de chá. Eles as adquiriram nos distritos de chá do sul da China. Semeadas em Calcutá, as sementes germinaram; mas, das 10 mil plantas jovens enviadas ao noroeste da Índia, apenas 1.326 chegaram vivas às colinas no início de 1836. No final de 1838, algumas das plantas floresceram e maturaram suas sementes, que também foram semeadas, de modo a ampliar as plantações”.¹ A menção desse fato é importante, pois costumamos acreditar que no Oriente a origem das coisas se perde no início mítico dos tempos.

A ÍNDIA COLONIAL

A Índia foi parte do Império Britânico e só obteve sua independência em 1947, por meio de resistência civil pacífica organizada por Mahatma Gandhi, uma das personalidades mais marcantes do século XX. Por isso, não é de estranhar que a iniciativa

¹ TIMBS, John. *The year book of facts in science and art*. Londres: David Bogue, Fleet Street, 1852. p. 227.



BOLLYWOOD

O nome de uma das principais indústrias cinematográficas do mundo não podia ser mais significativo dos processos de trocas culturais no século XX: Bollywood. O B vem da letra inicial da palavra Bombaim, cidade indiana onde se situam os estúdios; o restante da palavra não esconde sua referência e, mais do que isso, sua reivindicação ao parentesco direto com a indústria cinematográfica dos Estados Unidos, Hollywood. Isso é curioso, porque ambas as indústrias desenvolvem-se simultaneamente, ambas devedoras de avanços técnicos e mecânicos consolidados no início do século passado. Além disso, tanto a Índia como os Estados Unidos foram colônia da Inglaterra. Os filmes indianos têm entre suas principais influências as narrativas épicas indianas e os musicais norte-americanos dos anos 1940, sendo produtos exemplares da intersecção de materiais geográficos, históricos e técnicos muito diversos no mundo contemporâneo.

de introduzir o cultivo de chá na parte indiana do Himalaia tenha sido obra de administradores coloniais ingleses.

No início da era cristã, os romanos mantinham relações comerciais com a Índia, mas sem nunca terem estabelecido ali uma colônia romana. Só muito mais tarde, em 1498, Cristóvão Colombo restabeleceu uma rota comercial e a possibilidade de exploração do subcontinente indiano pelos países europeus. Desde o início do século XVII, França, Inglaterra, Holanda e Portugal instalaram entrepostos na Índia e, a partir do século XVIII, a Inglaterra se consolidou como a principal potência dominadora da região.

A ÍNDIA CONTEMPORÂNEA, UM DOS BRICS

BRICS é uma sigla criada para designar os países em desenvolvimento com as maiores taxas de crescimento econômico. Ela é formada pelas letras iniciais do nome de cinco países: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (aqui designada como South Africa). A Índia atual é uma potente economia no cenário internacional, além de ser uma das maiores democracias do mundo em termos populacionais. Quando nos lembramos da Índia, costumamos nos esquecer de aspectos importantes como esse. Há outros, como, por exemplo, o fato de ali ter se desenvolvido a maior indústria cinematográfica do planeta, em volume de produção, conhecida como **Bollywood**, cujos filmes são consumidos majoritariamente pelos próprios indianos, ou o fato de ser um agente de proa no mercado mundial de tecnologia. É importante pensar que esse país, tão presente em nosso imaginário do Oriente mítico, é também um importante e moderno ator no cenário do mundo contemporâneo.

O MUNDO DO CHÁ

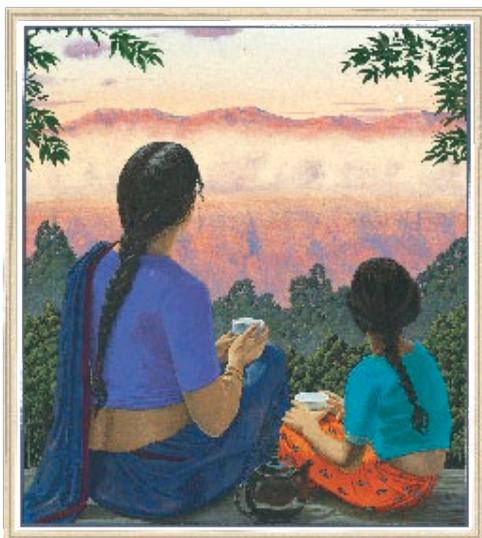
O chá é uma planta da família das camélias, com grande variedade de espécies (aproximadamente duzentas), das quais a mais conhecida é a chinesa (*Camellia sinensis*), que possui quatro variedades. A que cresce em regiões altas, como a coletada por Tashi e sua mãe em *O misterioso Chá das Nuvens*, é a *sinensis*, que dá origem ao chá verde; a variedade *assamica* é base do

chá preto. Os melhores chás vêm das regiões indianas de Assam, que produz a variedade *assamica* em suas planícies, e Darjeeling, que produz a *sinensis* em altas altitudes.

A coleta do chá ocorre em épocas diversas, a depender das regiões produtoras. A primeira coleta da estação é conhecida como *first flush* e produz o chá mais saboroso e aromático. A segunda, *second flush*, gera um chá mais denso e ácido, menos valorizado. As folhas de chá coletadas manualmente, o que mantém a integridade da folha, resultam em uma bebida superior àquela preparada com as coletadas mecanicamente.

Em países do Oriente, como China, Japão, Índia e no mundo árabe, o chá já era consumido desde o início da era cristã, muito embora seu uso fosse eminentemente terapêutico. A Europa passou a consumir chá a partir do século XVII, inicialmente importado pelos holandeses e, mais tarde, pelos ingleses, que se tornariam o povo europeu mais apegado a uma cultura do chá, estabelecendo mesmo o *tea time*, a hora do chá, como forte marca cultural.

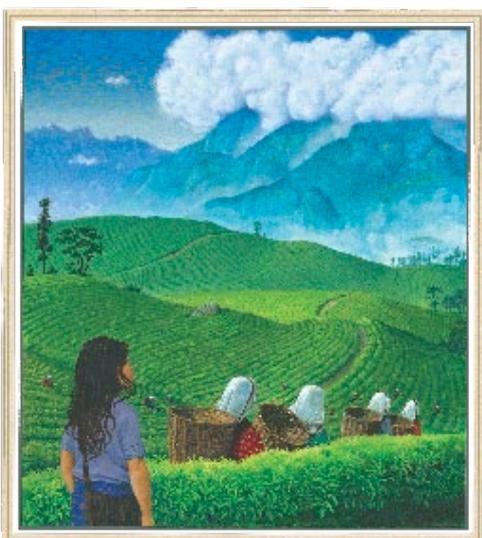
Se na Inglaterra a degustação do chá é um hábito vinculado à sociabilidade mundana, no Japão sua degustação ocorre em contexto com inspiração religiosa, tendo-se estabelecido uma cerimônia do chá como possibilidade da meditação zen-budista. No mundo árabe, as casas de chá funcionam de maneira semelhante aos cafés europeus, como locais públicos de encontro e trato social.

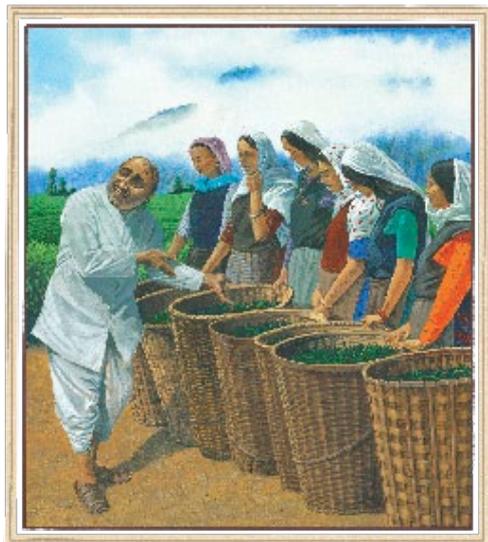


O TRABALHO DAS COLETORAS

Na história de *O misterioso Chá das Nuvens* aparece o interessante personagem do Real Provedor de Chá. Ele seleciona as melhores folhas para a imperatriz. Porém, para que esse precioso chá chegue à mesa real, é necessário que muitas trabalhadoras trabalhem horas e horas sob o sol com as correias de seus cestos presas à testa.

De acordo com relatório da organização Asia Monitor Resource Centre, a indústria do chá na Índia emprega diretamente cerca de 1,5 milhão de pessoas e, indiretamente, 10 milhões. Destes, quase metade são mulheres. A maior parte dos trabalhadores atuais pertence à terceira ou à quarta geração de migrantes trazidos pelos britânicos da região central da Índia. Muitos são





membros de castas inferiores, que constituem os mais baixos estratos sociais do país.

Os trabalhadores das plantações costumam residir em assentamentos preparados para eles pelos empregadores, e essa dependência habitacional favoreceu situações de escravidão ou semiescravidão, como ocorre com os trabalhadores nordestinos das lavouras de cana-de-açúcar do interior do Estado de São Paulo. Os salários dos coletores de chá estão entre os mais baixos do mundo: US\$ 1,00 a US\$ 1,50 por dia. O trabalho de coleta das folhas de chá, árduo e extenuante, é realizado quase exclusivamente por mulheres, que trabalham seis dias por semana em jornadas que se estendem das oito horas da manhã às quatro horas da tarde. Entre esses trabalhadores, a taxa de alfabetização é baixíssima e, de forma geral, eles não dispõem de outros meios de subsistência. Nesse quadro, seus filhos acabam por empregar-se também na produção do chá, em condições desumanas. A falta de saneamento nas plantações, por exemplo, faz com que muitos trabalhadores contraíam doenças como diarreia e cólera. A taxa de mortalidade infantil nessas comunidades é altíssima.

Embora os trabalhadores das lavouras de chá sejam protegidos por uma lei, a *Plantation Labour Act*, promulgada em 1951, as condições de vida das pessoas ali empregadas ainda é extremamente precária (“*Struggle of Tea Plantation Workers in North East India*”: <<http://www.amrc.org.hk/node/1001>>).



ANALISANDO O ENREDO

Em *O misterioso Chá das Nuvens* é possível notar os papéis masculino e feminino deste mundo da produção do chá. A história é protagonizada por uma menina, sua mãe, sua tia e outras coletoras. Os homens que aparecem estão em posições hierarquicamente superiores e são figuras opressivas, a começar pelo rude Capataz, que coordena o trabalho, e o Real Provedor de Chá, personagem nomeado apenas por sua função profissional. Só há uma pequena referência aos maridos, sobre os quais as mulheres contam anedotas no caminho da plantação. Quando a mãe de Tashi adoece, o pai da menina não está presente para assisti-la. Mais tarde, surge a comitiva do Real Provedor e é igualmente uma presença opressiva, desta vez também para o

COLABORAÇÃO ENTRE HUMANOS E ANIMAIS

A origem mítica do povo italiano situa-se em dois gêmeos, Remo e Rômulo, filhos da sacerdotisa Reia Silvia e do deus Marte. Como as sacerdotisas deviam permanecer virgens, o rei puniu Reia Silvia por sua gravidez e jogou as crianças em um rio. Mas o cesto em que estavam encalhou em arbustos e elas foram encontradas por uma loba, que as amamentou, garantindo sua sobrevivência.

Um dos personagens de *O livro da selva* (1893-1894), de Rudyard Kipling, é Mowgli, menino que, órfão de pais e perdido em uma floresta da Índia, é adotado por um casal de lobos e cresce na companhia exclusiva de animais selvagens.

Em se tratando de animais domesticados, em *O chamado selvagem* (1903), de Jack London, cujo protagonista é um cão são-bernardo chamado Buck, há uma passagem marcante na qual o cachorro salva um homem que estava se afogando, também correndo o risco de perder a vida.

Capataz. Há, portanto, uma ordem patriarcal claramente delineada, que pode ser percebida inclusive na vigilância que o líder dos macacos exerce sobre o grupo.

Outro aspecto relevante é o fato de uma criança assumir uma função profissional na lavoura. Antes mesmo da doença da mãe, a menina a acompanha ao local de trabalho, onde supostamente passa o tempo se divertindo e o leitor contemporâneo, imbuído dos códigos legais de defesa e preservação da infância, pensa que o lugar é muito inadequado. A menina deveria estar na escola, na companhia de outras crianças e dedicada a atividades relevantes a seu desenvolvimento. O trabalho de Tashi é recusado pelo Capataz, mas não por ela ser uma criança, e sim por sua incapacidade de exercê-lo. Esse dado permite aferir que o trabalho infantil na coleta das folhas de chá não é algo incomum.

À luz das informações relativas às condições de trabalho nas lavouras de chá do nordeste da Índia, podemos reconsiderar a doença da mãe de Tashi; ela provavelmente teria sido vítima de uma doença que se espalha entre os trabalhadores em decorrência das condições precárias dessa atividade. A reação de Tashi também é coerente com o que nos diz o Asia Monitor Resource Centre, pois a menina não vislumbra outra forma de garantir o rendimento doméstico que não seja a coleta de folhas de chá, reintroduzindo-se no mesmo ofício da família.

Dessa forma, podemos considerar que os autores inseriram elementos fabulosos na narrativa de forma a dar a ela uma textura literária, evitando aspectos inquietantes e realistas do contexto de vida de Tashi e sua mãe.

É, portanto, a introdução no enredo do recurso fantástico da coleta feita pelos macacos que possibilita a fruição dessa história como fábula. Mas esses recursos literários, é bom afirmar, não foram inseridos para amenizar a história; a tradição literária tem muitos exemplos de **colaboração entre humanos e animais**. A literatura opera com expectativas simbólicas. Contar a história “romanceada” de Tashi é uma forma de discutir as questões que, não fazendo parte dela, são as mais importantes: a segregação das mulheres em sociedades fortemente patriarcais, o duro trabalho dos operários pobres e desprotegidos, a infância de Tashi no campo de trabalho da mãe, as consequências da longa exploração colonial exercida pelos ingleses.

O LIVRO EM SALA DE AULA

1. Pode-se propor uma atividade de leitura coletiva das ilustrações do livro, a partir da observação dos detalhes, que escapam a uma primeira olhada, e aspectos gerais, como o vestuário, a forma do rosto, o fato de as mulheres andarem descalças, a paisagem. Identifique as ilustrações com números e nomes, por exemplo: “1) Tashi com a tigela de chá; 2) A mãe, a tia e uma amiga caminham para a plantação”. Em uma segunda etapa, os alunos podem fazer uma pesquisa iconográfica sobre a Índia e desenhar artefatos ou trazer recortes. O material seria reunido em um painel com os desenhos agrupados em categorias como vestuário, joias, alimentos, objetos da casa, religião, por exemplo. Em seguida se analisaria como o ilustrador aproveitou essa tradição iconográfica para criar as ilustrações de *O misterioso Chá das Nuvens*: o que ele aproveitou e o que ficou de fora.
2. No livro, podemos ver o trabalho de dois tipos de profissional: os coletores e os degustadores. É possível pensar em uma atividade sobre o mundo do trabalho a partir da comparação entre essas profissões: uma é árdua e pouco valorizada, a outra é, aparentemente, leve e muito especializada. Essa atividade comparativa pode ser desdobrada na produção de um diálogo entre “Coletor” e “Degustador”, em que cada um descreve as vantagens e desvantagens de seu trabalho. Os diálogos podem ser encenados para a turma, mobilizando produção de texto, criação de personagem, encenação e pesquisa. Vale também, a partir da separação observada no livro entre homens e mulheres, falar do universo profissional refletindo e questionando a ideia de que há trabalhos mais adequados somente para homens ou somente para mulheres.
3. Uma atividade de conscientização política poderia se desenvolver em torno das convenções de defesa dos direitos dos trabalhadores e da infância. Seria oportuno falar da história das conquistas trabalhistas nos últimos cem anos e da ausência de convenções reguladoras no século XIX. Nessa atividade, pode-se também abordar o sensível tema do trabalho infantil, associado à formulação histórica do conceito de “infância” como uma etapa da vida com necessidades específicas, como as brincadeiras e um cotidiano livre das pressões do mundo da produção fabril. Como atividades





práticas propulsoras de uma sucessiva produção escrita, sugerimos a exibição de um filme como *Oliver Twist* (2005), de Roman Polansky – que tematiza trabalho infantil, infância desassistida – e a leitura do poema “Operário em construção”, de Vinicius de Moraes (*Operário em construção e outros poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979), que trata da tomada de consciência de classe por um trabalhador da construção civil. A atividade escrita pode girar em torno da expectativa dos educandos sobre sua inserção no mundo profissional.

4. Para leitores situados em sociedades urbanas, seria oportuno discutir, a partir da vida rural de Tashi nas montanhas do nordeste da Índia, como vive a população rural brasileira, qual o tamanho dessa população e se viver no campo é melhor ou pior do que na cidade. A atividade poderia iniciar com depoimentos pessoais que se relacionem com o mundo rural. Seria interessante lembrar obras como o *Sítio do pica-pau amarelo* e o programa de televisão *Cocoricó*, que retratam para o público infantil o homem do campo, bem como o personagem Chico Bento, da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa. O que há de caricatural e o que há de real nessas obras? Outras referências são o personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, os filmes de Mazzaropi e o quadro *Caipira picando fumo* (1893), do pintor Almeida Júnior.

SUGESTÕES DE LEITURA E FILMES

PARA O PROFESSOR

LIVROS

- MICHAUX, Henri. *Um bárbaro na Ásia*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994. Relato de viagem por países do Oriente, entre eles a Índia, escrito por um dos mais originais poetas da língua francesa. De estilo muito leve e cheio de observações inusitadas, guiado por uma curiosidade vivaz, é um livro que mostra o homem oriental em características como a altura da voz, a natureza dos gestos ou a ausência de sorrisos.
- NAIPAUL, V. S. *Índia: um milhão de motins agora*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Uma descrição da Índia contemporânea em toda sua riqueza e contradições, escrita por um autor de origem indiana, o que confere a seu ponto de vista muita intimidade.
- PAZ, Octavio. *Vislumbres da Índia*. São Paulo: Mandarim, 1996. O poeta mexicano foi embaixador na Índia entre 1962 e 1968. Neste livro, ele retrata sua descoberta desse país, comentando o sistema de castas e tradições culturais e religiosas.

PARA OS ALUNOS

LIVROS

- BRENMAN, Ilan. *As 14 pérolas da Índia*. São Paulo: Brinque Book, 2008. O autor adapta para as crianças brasileiras histórias tradicionais da Índia.
- QUENTIN, Laurence. *Pelas cores da Índia: os intocáveis, os jainistas, os marajás*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2011. Este livro apresenta três grupos da sociedade indiana – os intocáveis, a casta considerada inferior no hinduísmo; os jainistas, adeptos da não violência e da tolerância; e os marajás, classe ancestral de dirigentes.
- SCOTT, Nathan Kunar. *Mangas e Bananas e A Sagrada Folha de Bananeira*. São Paulo Edições SM, 2012. Contos de esperteza protagonizados por Kanchil, um cervo-rato cheio

de artimanhas. As edições são ilustradas com técnicas tradicionais indianas.

- SOUZA, Eunice de. *Histórias da Índia*. São Paulo: Edições SM, 2009. Recolhidas da tradição de diversas regiões da Índia, as divertidas histórias recontadas neste livro têm entre seus personagens iogues, príncipes, princesas, sábios, barbeiros, agentes de casamento e comerciantes.
- ZARCATE, Catherine. *Enigmas do vampiro: histórias da Índia*. São Paulo: Edições SM, 2007. O valente rei Vikram atravessa as alamedas do cemitério respondendo aos desafios propostos pelo espírito que se apossou do cadáver de um enforcado. Por meio desses enigmas, é a Índia inteira que fala, nas palavras de seus monges, ladrões e demônios.

FILMES

- *Mãe Índia* (Índia, 1957), de Mehboob Khan. 127min. A história de uma mulher que pede dinheiro emprestado para preparar a celebração do casamento do filho.
- *O Mahabharata* (Inglaterra, 1989), de Peter Brook. 171 min. Filme produzido a partir de uma peça teatral baseada em um dos épicos mais conhecidos da literatura indiana.
- *Noturno indiano* (França, 1989), de Alain Corneau. 110 min. O filme narra a história de um homem que vai à Índia procurar um amigo e depara com a diversidade da cultura indiana.
- *Viagem a Darjeeling* (EUA, 2007), de Wes Anderson. 91 min. Três irmãos decidem fazer uma viagem à Índia com a intenção de se reconciliar.